

# PADRÃO DE RESPOSTA – PROVA DISCURSIVA (QUESTÕES DISCURSIVAS) – LÍNGUA PORTUGUESA

## VESTIBULAR CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA 2º SEMESTRE DE 2020 – FACULDADE DE MEDICINA DE BARBACENA – FAME/FUNJOB

### MODALIDADE/HABILITAÇÃO: MEDICINA (BACHARELADO)

#### Texto para responder às questões 01 e 02.

A questão da língua que se fala, a necessidade de nomeá-la, é uma questão necessária e que se coloca impreterivelmente aos sujeitos de uma dada sociedade de uma dada nação. Porque a questão da língua que se fala toca os sujeitos em sua autonomia, em sua identidade, em sua autodeterminação. E assim é com a língua que falamos: falamos a língua portuguesa ou a língua brasileira?

Esta é uma questão que se coloca desde os princípios da colonização no Brasil, mas que adquire uma força e um sentido especiais ao longo do século XIX. Durante todo o tempo, naquele período, o imaginário da língua oscilou entre a autonomia e o legado de Portugal.

[...]

Esta questão, no entanto, não deixa de nos importunar, e há sempre alguma razão, um pretexto, ou alguém que a levanta em momentos diferentes de nossa história. Isso quer dizer que até hoje não decidimos se falamos português ou brasileiro. [...]

Desde o princípio da colonização, instala-se um acontecimento linguístico de grande importância no Brasil: o que constitui a língua brasileira.

Ao mesmo tempo em que aqui desembarca, a língua portuguesa, ao deslocar-se de Portugal para o país nascente – o Brasil – institui um movimento de memória, deslizamentos linguísticos por meio dos quais uma outra língua – a brasileira – faz-se presente.

[...] a partir de sua memória, o colonizador português reconhece as coisas, os seres, os acontecimentos e os nomeia. Mas ele o faz, transportando elementos de sua memória linguística. Há um investimento na relação palavra/coisa, a questão incidindo sobre o referente: na presença de um nome, estamos diante da mesma coisa (a do Brasil e a de Portugal)? Como estamos no Brasil, há um deslocamento (transporte) que força contornos enunciativos diferenciados. Essa diferença se torna cada vez mais uma diferença de línguas (relação palavra/palavra, e não da palavra com a coisa). Daí resulta todo um trabalho sobre a língua, de classificação, organização, definições em listas de palavras, dicionários. O português, assim transportado, acaba por estabelecer em seu próprio sítio de enunciação outra relação palavra/coisa, cuja ambivalência pode ser lida nas remissões: no Brasil, em Portugal. [...]

Nessa perspectiva, então, falamos decididamente a língua brasileira, pois é isto que atesta a materialidade linguístico-histórica. Se, empiricamente, podemos dizer que as diferenças são algumas, de sotaque, de contornos sintáticos, de uma lista lexical, no entanto, do ponto de vista discursivo, no modo como a língua se historiciza, as diferenças são incomensuráveis: falamos diferente, produzimos diferentes discursividades.

*(ORLANDI, Eni P. A língua brasileira. Revista Ciência e Cultura, São Paulo, SBPC, v. 57, n.2, p. 29-30, 2005.)*

#### QUESTÃO 01

**A articulação de ideias em um todo significativo faz-se necessária na estruturação de um determinado texto. É possível reconhecer, no texto apresentado, o emprego de recursos que contribuem para a construção dessa articulação. Assim, identifique três elementos utilizados para estabelecer coesão de forma referencial entre os constituintes do texto explicando seu funcionamento.**

**Resposta:** A coesão referencial se constrói, pela menção de elementos que já apareceram, ou vão aparecer, no texto. Para efetivação dessas remissões, são empregados pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos ou expressões adverbiais. No texto podemos identificar: Em “A questão da língua que se fala” = o pronome “que” retoma o substantivo “língua”; “nomeá-la” = o pronome pessoal “a” retoma o substantivo “língua”; “sujeitos em sua autonomia” = o pronome possessivo “sua” retoma “sujeitos” indicando que a autonomia referida pertence aos sujeitos, termo expresso anteriormente.

### **Fontes:**

- VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e Textualidade**. 3. ed. Martins Editora, 2006. Para entender o texto Platão e Fiorin.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.
- CERÉJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação**. Ensino Médio. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. 448p. Vol. único. (Conforme nova ortografia).
- PIMENTEL, Carlos. **Redação Descomplicada**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012. 192p. (Nova ortografia).
- PLATÃO & FIORIN. **Para entender o texto. Leitura e redação**. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1992.

### **QUESTÃO 02**

**Considerando a estrutura e o conteúdo apresentados, relacione e explique as características tipológicas textuais presentes no texto em análise.**

**Resposta:** O tipo textual dissertativo-argumentativo é aquele em que se apresenta e se defende uma ideia, uma posição, um ponto de vista ou uma opinião a respeito de determinado tema. No caso do texto em questão, a autora defende a existência de uma língua denominada “brasileira” que seria a modalidade falada, no Brasil, da Língua Portuguesa. O texto é argumentativo porque é a defesa, por meio de argumentos convincentes, de uma ideia ou opinião e dissertativo porque se estrutura sob a forma dissertativa – proposição, argumentação e conclusão.

### **Fontes:**

- ANTUNES, I. **Análise de textos – Fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Prática de texto**. Rio, Vozes, 1996.

### **QUESTÃO 03**

**Leia a o trecho de um ensaio de Mário de Andrade e responda ao questionamento a seguir.**

“A língua no seu sentido, digamos, abstrato, é uma propriedade de todo o grupo social que a emprega. Mas isto é uma mera abstração, essa língua não existe. O tempo, os acidentes regionais, as profissões se encarregam de transformar essa língua abstrata numa quantidade de linguagens concretas diversas. Cada grupinho, regional e profissional se utiliza de uma delas. Deus me livre de negar a existência de uma língua “cultura”. Mas esta é exclusiva apenas de um dos grupinhos do grande grupo social. Essa é a língua escrita, por excelência, tradicionalista por vício, conservadora por cacoete específico de cultismo. Ou de classe. Mas já está mais que observado que os mesmos indivíduos que escrevem nessa língua culta, muitas vezes se esquecem dela quando falam. Essa língua escrita não é a mesma que a linguagem da classe burguesa, que é falada e não tem pretensões aristocráticas de bem falar. E existem as linguagens dos sentimentos, que fazem um burguesinho ter com a mulher uma linguagem amorosa muito especial, ou ter tal linguagem nos momentos de cólera que jamais, como vocabulário e sintaxe, ele empregaria na festa de aniversário da filhinha.

*(Andrade, 1972 [1940], p. 207-208.)*

**A língua pode assumir modalidades variadas em sua forma de apresentação. De acordo com conhecimentos adquiridos acerca da língua ao longo do ensino médio, estabeleça uma relação entre a língua portuguesa em sua modalidade escrita formal e as características da variação linguística presente nas mais variadas situações de comunicação.**

**Resposta:** As diferenças ocorrem entre a modalidade escrita formal e a fala. A escrita não é a simples transcrição da fala. Podemos sintetizar as diferenças que se estabelecem. Como características da fala podemos citar: espontânea, passageira, grande apoio contextual, face a face, repetições, redundâncias, truncamentos e desvios. Já na escrita, podemos citar como características: monitorada, duradoura, ausência de apoio contextual, interlocutor distante, controle de sintaxe, das repetições, da redundância. As variações linguísticas envolvem diversos aspectos históricos, sociais, culturais, geográficos, dentre outros.

**Fontes:**

- VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e Textualidade**. 3. ed. Martins Editora, 2006. Para entender o texto Platão e Fiorin.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação**. Ensino Médio. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. 448p. Vol. único. (Conforme nova ortografia).
- PIMENTEL, Carlos. **Redação Descomplicada**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012. 192p. (Nova ortografia).
- PLATÃO & FIORIN. **Para entender o texto. Leitura e redação**. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1992.